

Os saberes dos sapateiros

Dissertação de mestrado defendida no
Programa de Pós-graduação em Ciências
e Práticas Educativas da Universidade de Franca
Orientadora: Professora Dra. Margareth Brandini Park

MARIA
MADALENA
GRACIOLI

O caminho traçado para desvendar os saberes dos sapateiros, como são construídos e partilhados, segue pelas trilhas da história da produção de calçados na cidade de Franca e pelas alterações nas relações de trabalho e na qualificação do trabalhador decorrente dessa evolução. A história da indústria de calçados em Franca confunde-se com a própria história da cidade. Este longo período pode ser dividido em quatro fases: o artesanato, a manufatura, a industrialização e a exportação.

O artesanato iniciou-se com a expansão da pecuária bovina no município (meados do século XIX), permitindo a confecção de artigos de couro que eram vendidos aos tropeiros que passavam pela “Estrada dos Goyases” e aqui paravam para descansar. Eram produzidos sapatões de atado, lombinhos, sandálias de couro cru, capas de facas, canastras, silhões, coberturas para carros de boi.

A segunda fase corresponde ao período da manufatura, ou seja, a utilização de algumas máquinas simples. Carlos Pacheco de Macedo, em 1921, introduz a maquinaria na produção de calçados, importando da Europa várias máquinas; assim a Calçados Jaguar dá um salto à frente na

produção calçadista. O sucesso da Jaguar foi rápido, em 1926 vai à falência.

A terceira fase inicia-se na década de 30 com a industrialização e a modernização tecnológica, com a importação de máquinas da Europa e dos Estados Unidos e com a ampliação do número de fábricas, consolidando a cidade como pólo calçadista.

A última fase se caracteriza pelas exportações de calçados, que tiveram início na década de 70, e trouxeram grande prosperidade para a cidade, uma vez que resultou no aumento da produção de calçados e na ampliação do parque industrial.

Num breve olhar dirigido ao parque industrial calçadista francano é possível identificar a quase exclusividade de indústrias de capital francano, construídas com o trabalho de gerações. Esta exclusividade é quebrada pela presença na cidade de uma grande empresa nacional – a São Paulo Alpargatas S/A, que aqui se estabeleceu devido à facilidade de obtenção de matéria-prima, pela tecnologia disponível e, principalmente, pela mão-de-obra qualificada e barata. Nosso estudo traçou um perfil histórico da São Paulo Alpargatas S/A, desde sua fundação em 1907, destacando a

atuação da unidade 32, instalada em Franca.

As pessoas que colaboraram para o estudo empírico deste trabalho são operários dessa empresa, unidade produtora de calçados esportivos, instalada no Distrito Industrial de Franca – SP. As entrevistas foram efetuadas com operários que realizam atividades diversas na linha de produção do tênis Rainha e Mizuno e do calçado Timberland. São, na maioria, pessoas com baixa escolaridade (Ensino Fundamental incompleto), mas que utilizam o cotidiano da produção para construir e compartilhar saberes que mesmo não valorizados são apropriados pelo capital.

Ao realizar suas atividades os operários convivem oito horas diárias com os seus companheiros. Assim, vão experimentando, refletindo, indagando, discutindo, realizando, acertando e errando e, desta forma, construindo saberes que são partilhados cotidianamente. Esta afirmação fundamenta-se em Marx (1998b) que diz que o homem produz a si mesmo e, nesse processo, elabora o conhecimento e faz a História, enquanto produz as condições de sua existência pelas relações que estabelece com a natureza, com outros homens e consigo mesmo. É no seio das relações sociais, determinadas pelo modo de produção da existência, que o homem se faz homem, constituindo-se ao mesmo tempo como determinado e determinante dessas mesmas relações.

Assim, o saber é construído socialmente; ele não nasce sozinho, pronto e acabado, mas sim nas relações sociais e, no caso em estudo, no interior de uma unidade capitalista produtora de calçados. Ao realizar diariamente as suas tarefas, os sapateiros se defrontam com as dificuldades, situações concretas que eles precisam superar.

Nessa situação eles aprendem e, ao aprender, compartilham, e inegavelmente constroem os seus saberes. Ao articular o saber sobre o trabalho, desenvolve-se a socialização desse saber, sob a pressão capitalista que os leva a enfrentar situações onde o companheirismo, a solidariedade e a partilha se tornam as armas mais fortes para lutar contra a exploração de sua força de trabalho e as tentativas existentes para os desapossarem de seus saberes.

Poucos trabalhadores fizeram cursos para aprender a profissão, a maioria aprendeu no cotidiano do trabalho, observando ou fazendo. Lançar o olhar sobre um trabalho do companheiro não se constitui apenas em uma simples observação, mas sim em uma viagem do olhar carregada de sutileza e astúcia, que tem por objetivo retirar de cada gesto, de cada movimento, do manuseio das ferramentas dos companheiros, a aprendizagem de uma nova atividade, que significa, muitas vezes, não apenas um aumento de ganho salarial, mas também um ganho de status. Há em algumas seções da indústria calçadista uma certa hierarquia, como é o caso do pesponto, onde alguns se iniciam como ajudantes, passando a pespontador de forro, podendo chegar à elite da seção que é a supervisão.

“Eu sempre fui um cara esforçado, aí eu fui tendo a chance. Eu adiantava meu serviço e sempre que tinha um tempinho, eu ia lá e ficava olhando o cara fazer, montar, ficava olhando. Um dia ele perguntou se eu queria aprender, eu falei, “se você quiser em ensinar”. Acabei aprendendo e hoje sou molineiro.”^[1] (Lucimar Cleber, molineiro).

Os saberes tácitos constituem a qualificação dos sapateiros, saberes estes que não estão investidos somente em demonstrações, mas que são também reflexões, decisões, malícias, solidariedade, companheirismo, resultados da divisão social do trabalho que fazem com que o saber não seja igualmente distribuído, mas sim desigualmente repartido de modo hierárquico. O saber adquirido através da escola não é privilégio de todos os sapateiros; aqueles que o possuem e conseguem articular a relação entre saberes escolares e saberes profissionais estão mais aptos para ocupar cargos de supervisão, já que estarão muito envolvidos na tarefa de ensinar o trabalho. Aos excluídos da escola, mas não da vida, que aprendem na prática, no dia-a-dia do trabalho, com suor, são destinadas tarefas mais simples, mas não menos importantes, que eles aprendem, apreendem e ensinam.

No interior da fábrica, ao transformar o couro em calçados, os sapateiros constroem os seus saberes constituídos por um bailado de gestos, de mãos hábeis, de olhos acurados que se encontram e, olhando com os mesmos objetivos, são capazes de expressar sentimentos de solidariedade e companheirismo, tão imprescindíveis na busca da capacidade de sonhar e de lutar contra a dominação à qual estão submetidos pelo capital. Assim, é no processo produtivo de calçados, na totalidade e na diferença de tarefas e situações, através das quais o trabalho e as trocas de experiências garantem a construção do conhecimento, fruto da convivência coletiva que ocorre longe dos bancos escolares mas plena de educação, que deparamo-nos com conhecimentos que ultrapassam os limites de simples saberes e nos surpreendem com a riqueza de categorias necessárias para a realização das tarefas. É o

exemplo do Sr. Sebastião, cortador de couro:

“Cortar o calçado, primeiro você tem que olhar o material. certo? Olha onde o material cede, o lado de montar. Não é só pegar e pôr a faca de qualquer jeito e ir cortando, você entendeu? Tem que saber tudo direitinho, conhecer o material todo, onde vai tirar o material, onde vai, por exemplo, a frente do sapato, que tem que ser no lugar mais firme, no lugar melhor né? Aí vem a parte do canto, essas coisas que pode tirar mais nas pontas dos materiais né? (...) Começa a cortar o sapato pela gáspea, depois a pala, a taloneira, então assim, cada um tem um determinado lugar para você cortar ele, você entendeu? Então aquela pele de vaqueta, no caso, vai ser bem distribuída, aonde vai cortar ela certinho, para sair um sapato bom”.

Uma leitura mais atenta do depoimento acima, nos leva a elencar como categorias de conhecimento do cortador, em primeiro lugar, com relação ao couro: diferentes cores, brilho, manchas, formas: regular ou irregular, tamanho, textura: lisa, áspera, fina, grossa, mole, firme; peso; porosidade; ranhuras. Em segundo lugar, conhecimento das ferramentas: balancim, facas modelo, facas manuais, seguidos por conhecimentos dos modelos, das quantidades, do tempo que dispõe para cortar certa quantidade exigida pela empresa e de como obter essa qualidade; das partes do calçado. Esses saberes muitas vezes passam despercebidos pelo próprio operário, mas

não pela empresa que deles se apropria, incorporando-os aos processos produtivos. Como a indústria calçadista se caracteriza pelo predomínio de trabalho vivo, há uma pequena expropriação do saber do operário, transformando-o em trabalho fixo (equipamentos, ferramentas, máquinas) e uma grande apropriação e controle dos seus saberes que são, juntamente com sua força de trabalho, transformados em mercadorias.

A realidade cotidiana do processo de produção apresenta um caráter aleatório dos postos de trabalho, da realização das tarefas, que leva o trabalhador a estar sempre modificando o conteúdo do trabalho: modifica a tarefa, o uso de ferramentas, os gestos, a administração do tempo, as relações como os companheiros. Assim, os operários articulam seus conhecimentos teóricos, habilidades práticas e as experiências acumuladas fora e dentro da fábrica em qualificações tácitas que interferem amplamente em todo o processo de trabalho criado pela empresa. O caráter subjetivo dos saberes tácitos tende a ser desconsiderado ou a passar quase que totalmente despercebido. Por mais que a empresa elabore mecanismos de controle e sanções, os operários regulam o processo de produção de forma diferente da fixada pela empresa.

Ao rastrear os saberes dos sapateiros, o que mais surpreende é o elo de amizade existente entre eles, é algo fantástico que se esconde no cotidiano das empresas, nos bastidores da produção, clandestinamente à eterna “vigilância” dos supervisores, e proliferam no seio das estruturas tecnocráticas, relações humanas carregadas de amizade e cumplicidade. Embora a palavra cumplicidade, na maioria das vezes, venha carregada de sentido pejorativo, uma vez que cúmplice pode referir-se a uma pessoa que tomou parte em um

delito ou crime, a cumplicidade que encontramos na prática dos sapateiros é um mecanismo para fortalecer os laços de amizade, tão fundamentais nesses tempos de individualismo e segregação gritantes. Assim. A cumplicidade torna-se um ato de emergência disputado pelo capital, onde o operário deixa de ter uma resistência passiva para tornar-se defensor ativo de seus próprios direitos.

“Quando comecei, meus colegas deram muita força, principalmente quando estava em teste. Eles até escondiam serviço errado que eu fazia, e quando o chefe passava, eles falavam que o meu serviço estava bom. Às vezes colocavam serviços deles para mim, e falavam que eu tinha feito. Aí passava no teste e ia treinando.” (Maria Helena, pespontadeira)

Descobrir os mistérios das relações humanas que se desenvolvem em meio a máquinas, barulhos, odores e poeira no processo de produção de calçados, e o elo de amizade e solidariedade que são tecidos nesse cotidiano, não é tarefa fácil. Os depoimentos ocultam a sutileza de olhares, gestos e palavras contidos nas relações sociais que se dão no interior da fábrica. Muitas vezes, ao enviezar o olhar apenas para a produção, o capital acaba por ignorar as forças que estão recônditas nessas relações. É também uma tarefa complexa porque elas exacerbam e desencaminham as nossas lógicas.

Mesmo com toda tecnologia moderna, com a constante substituição de homens por máquinas, muito longe estamos de esgotar as possibilidades do espaço social dentro da fabri-

ca; ao contrário, as relações sociais vão favorecer uma inserção no tecido coletivo do ambiente interno da fábrica.

“Os colegas sempre orientam na hora de virar uma pecinha, os detalhinhos que eles vão vendo, vão falando é assim, esse é assim, então eles ficam dando dicas.” (Tereza, pespontadeira)

“Tem umas meninas lá que querem aprender, então a gente entra uns dez minutinhos antes só para ensinar pra elas.” (Maria Helena, pespontadeira)

A complexidade das relações sociais, o trabalho produtivo coletivo, leva os trabalhadores a desenvolver os laços de amizade e solidariedade. As redes que surgem no seio dessas relações são muitas vezes de caráter não técnico, ou seja, solidário ao ensinar uma tarefa, ao ajudar o colega a fazer seu trabalho, ao ensinar novas atividades. No entanto, a vida de cada um vai muito além das oito horas diárias que passam dentro da fábrica. É impossível entrar e deixar no portão os problemas, os sonhos, as esperanças e as necessidades. Tudo isso vai ser compartilhado com os colegas. Há assim construção de saberes de natureza não técnica, mas que não deixam de ser importantes para a valorização do capital.

As relações familiares e os afazeres domésticos também estão presentes nos saberes compartilhados nas relações sociais que se desenvolvem em meio às relações de produção. Apesar das tarefas que exigem grande concentração, do barulho e da vigilância, olhares e gestos furtivos e diálogos automáticos desempenham o papel de um princípio da realidade que socializa e gera a amizade. Frequentemente, o operário precisa

economizar os gestos e as palavras para não atrasar a realização das tarefas. Às vezes uma olhadela ou um simples piscar de olhos evidencia a sutileza da comunicação. Apesar da economia de palavras, ainda é possível construir saberes com colegas que ouvem e tentam ajudar na solução dos problemas.

“A gente aprende até experiência sobre os filhos, chega uma mãe desesperada com os filhos. Eu também tenho filhos, tenho três filhos e também, tenho problemas com filhos. E aí vejo que o meu não é pior do que o da outra, a gente aprende a suportar o da gente, ouvindo o problema do outro” (Aparecida das Dores, pespontadeira)

Ao final da jornada de trabalho, o operário não deixa dentro dos portões da empresa aquilo que ele aprendeu. Lá fora, a vida cotidiana continua; é lá que ele tem permissão para sonhar com outra vida, com outra realidade. Mas a vida não é um sonho, ela é real. No âmbito do real, longe da produção e no aconchego do lar e da vida familiar, dá-se a construção de novos saberes, fora do ambiente de trabalho, mas que não são dicotômicos daqueles construídos no cotidiano da empresa. No interior da vida familiar, na convivência com os amigos, na organização do lar e nos afazeres domésticos estão presentes conhecimentos para a vida, que, com astúcia e percepção da realidade, os sapateiros extraem do cotidiano do trabalho.

“Aqui na fábrica eu aprendi a ser organizado, eu aprendi limpeza e isso eu uso na minha casa” (Eurípedes Abrão, pespontador)

“Eu agora tenho muito mais consciência, eu não dava valor nas coisas que as pessoas falavam, na minha casa mesmo eu não conversava muito com a minha mãe, hoje eu converso mais, a gente vai amadurecendo com a convivência com as pessoas” (Cléia, embaladeira)

Se considerarmos que o outro não é o limite externo, mas o que nos pluraliza e através de quem podemos nos totalizar, o outro será um de nós mesmos invertido, podemos dele nos aproximar pelos laços de confiança e amizade. Para preservar esses laços de amizade é necessário o respeito ao próximo, às diferenças individuais, à maneira de agir e pensar do outro. As relações sociais do universo do trabalho dos sapateiros são riquíssimas desses saberes, muitas vezes tidos como algo natural, mas que são frutos de um processo social de aquisição. A maneira como eles os expressam de forma viva e simples é de fazer inveja a muitos que têm longos anos de estudo.

“Sempre o companheirismo, a amizade, isso aí a gente sempre aprende muito, a respeitar um ao outro, porque nem todas as pessoas são iguais. Então tem pessoa que tem um temperamento diferente da outra, tem uma que é mais calma, a outra mais nervosa, e a gente tem que conviver conforme as pessoas que estão ao lado. Você aprende a respeitar o limite da conversa com as pessoas. Na mudança de fábrica você sempre encontra

ambiente diferente, onde você tem que se adaptar para não prejudicar nem a gente, e nem mesmo as pessoas que trabalham com a gente.” (Alex, pespon-tador)

No ambiente da produção o saber é constituído coletivamente, mas ainda é relegado com ambiente de aprendizagem. A escola tem sido a instituição privilegiada para organizar a função de realizar a aprendizagem. Pensar o ambiente de trabalho como ambiente de aprendizagem e dar a este novos contornos, ou a importância que ele realmente tem, é um processo que caminha a passos lentos, uma vez que os operários são considerados como problemas ou custos a serem minimizados. No entanto, no interior da fábrica e no âmago das redes sociais, há uma fusão de micro experiências ocultas no anonimato de redes amigáveis e locais onde se tenta de muitas maneiras escapar do domínio da vigilância e da submissão instituída pelo capital. Desse modo, o trabalhador atua, atuando transforma; transformando aprende e compartilha com os companheiros maneiras de saber, que preenchem a vida comum, empenhando-se em descobrir as regras combinatórias que associam a inteligência concreta, a engenhosidade no manejo e a esperteza de vínculos sociais no movimento infinito das práticas cotidianas do trabalho.

NOTA

1 - Molineiro é o montador que trabalha com uma máquina de montar o calçado, conhecida como Molina (marca italiana). Atualmente, a máquina é produzida também no Brasil, mas a denominação continua sendo Molina.